

Do zero ao meio: a trajetória do Zerão, o estádio que divide o mundo e o esporte do Amapá

Foto: Divulgação/GEA



Com quase três décadas de história, o maior palco esportivo do estado conseguiu se renovar - apesar das dificuldades - para garantir a evolução do esporte no Norte do país.

Reportagem: John Pacheco

O maior estádio de futebol do Amapá carrega ao longo de 26 anos uma história de conquistas, evolução, mas também de períodos sombrios. O Milton de Souza Corrêa, mais conhecido como “Zerão”, começou com uma proposta inovadora de ser o primeiro estádio do mundo cortado pela linha imaginária do Equador, onde o campo é dividido entre os hemisférios Norte e Sul do planeta. Uma arena esportiva que não pode ser resumida somente a um gramado, duas traves e algumas arquibancadas. O gigante da Zona Sul foi personagem importante do profissionalismo do futebol local, e mais recentemente, do atletismo do Amapá. Inaugurado em 17 de outubro de 1990, o Zerão revolucionou o cenário esportivo do estado mais setentrional do país.

A reportagem ouviu personagens diretos e indiretos dessa história, que viveram ou vivem a pulsação do estádio, que nos pri-

meiros 15 anos se dedicou exclusivamente ao futebol local, da “era de ouro” até a ausência dos grandes craques. A decadência do esporte também se refletiu na estrutura do Zerão, que em 2005 fechou para o público após sucessivas interrupções das atividades para reparos, que cada vez mais se tornavam ineficazes.

Foram nove anos de hiato, que transformaram arquibancadas e cabines em lugares desertos e deixaram o gramado virar uma grande selva. Perdeu o esporte, perdeu a cidade.

Em 2011, iniciou-se uma reforma completa que mudou o contexto do Zerão. A partir da reabertura em 2014, passou a ser também arena olímpica, a fim de formar amapaenses com a proximidade dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. Ideia perfeita na teoria, mas que na prática, pouco foi concretizada na visão de atletas e jornalistas.

Novo estado, novo estádio

Foto: Arquivo/Porta Retrato-AP

A história pode ser contada de diversas formas, por atores políticos, esportistas, torcedores, funcionários, entre muitos outros, mas nada melhor do que começar por aqueles responsáveis por levar à grande massa as primeiras impressões daquela obra até então faraônica para um recém-criado estado, que foi muito tempo Território Federal.

Hoje de cabelos brancos, vista cansada, andar lento, mas com a cabeça cheia de lembranças, o jornalista Humberto Moreira, de 67 anos, acompanhou a evolução esportiva que levou o Zerão ao maior palco do esporte local na atualidade. O ex-radialista lembra que a inauguração do estádio contou com o craque Zico e o então presidente Fernando Collor de Mello.

Construído ao lado do monumento Marco Zero, a obra chamou a atenção dos mais incrédulos, segundo Humberto, que viram aquele terreno baldio virar um estádio em pouco mais de seis meses. A obra foi iniciada nos primeiros 90 dias do governo Collor, e foi considerada, à época, grandiosa, mas elogiada por críticos e partidários do “caçador de marajás”.

Moreira completa que o estádio, aliado ao início do futebol profissional no Amapá, poderia alavancar a modalidade que já tinha destaques no amador e poucos que alçaram voos maiores e brilharam no futebol regional e nacional, como Bira (Internacional e Atlético-MG) e Aldo (campeão brasileiro pelo Fluminense em 1984).

Inaugurado na tarde de uma quarta-feira, o estádio nomea-



Zico, ministro de esportes da época, ao lado de Fernando Collor na inauguração do Zerão, em 1990

do apenas como “Zerão”, estava com os seus oito mil lugares ocupados, além de um batalhão de jornalistas, militares, políticos e curiosos. Uma festa ao melhor estilo inauguração de obra política. Os raros registros documentados que ainda circulam em sites e blogs atuais mostram que o clima amazônico favoreceu a festa.

Collor estava acompanhado de Zico, ministro de esportes da época, que também representou a seleção brasileira máster. O galinho voltou em 2004 ao Zerão, mas isso a gente confere mais à frente na reportagem. O primeiro jogo oficial

foi pelo Campeonato Amapaense de 1990, e o gol inaugural foi feito pelo atacante Miranda, na vitória do Independente sobre o Trem Desportivo Clube por 1 a 0.

A partir daí e nos dois anos seguintes, o estádio se tornou ponto de encontro dos macapaenses, sempre com grandes públicos que acompanharam de perto a explosão do futebol profissional. O primeiro campeão do Zerão foi o Esporte Clube Macapá, que levou o estadual de 1991.

Do cenário nacional, a primeira equipe a jogar no estádio foi o Sport Club do Recife,

em 14 de julho de 1992. O Leão da Ilha do Retiro empatou sem gols com o Amapá Clube pela primeira fase da Copa do Brasil daquele ano. Daí em diante, outros gigantes vieram jogar no meio do mundo, como Flamengo, Portuguesa, São Paulo, Cruzeiro e Santos.

A rotina da capital passou a ser alterada em função do novo estádio, que passou também a sediar shows, mas com a maior vocação para o esporte. O jornalista Humberto Moreira destaca essa como a “época de ouro do futebol do Amapá”, que reinou entre 1991 e 1995.

“Dava gosto de ver. Eram grandes jogos, rivalidades locais para quatro, cinco, oito mil espectadores. Rivalidades como Trem e Ypiranga, São José e Ypiranga, Independente e Santana e muitos outros. O Zerão era democrático, tinha espaço para todo mundo, o adulto, o velhinho, a criança, o amante e o descrente da bola”, relembra, entusiasmado.

A empolgação pelo futebol no período se deu muito pelos craques que despontaram dos campinhos espalhados pelas praças da cidade, e que de uma hora para outra se viram vestindo a camisa de um clube profissional e jogando diante de centenas de pessoas no Zerão.

A época de ouro revelou, além de Miranda, outros craques como Roberto, Nerivaldo e Bereco que circularam pelo futebol do Norte, em clubes como Remo, Paysandu e Nacional do Amazonas. A partir do fim da década de 1990, o “negócio” futebol começou a ficar sem vantagem, os clu-

“Dava gosto de ver. Eram grandes jogos, rivalidades locais para quatro, cinco, oito mil espectadores. O Zerão era democrático, tinha espaço para todo mundo”

bes locais deixaram de revelar craques e os empresários retiraram patrocínios.

Consequentemente, a descrença com o futebol afetou o Zerão, que viu seu público empolgante e vibrador reduzir cada vez mais, apontou Hum-



berto, mesmo com o esforço de clubes e o governo local incentivando a paixão nacional. Mas isso não bastava.

“Os times eram formados prioritariamente por jogadores de Macapá, isso nos primeiros anos. Com a abertura para as competições nacionais os dirigentes começaram a contratar jogadores de fora e com isso foram acumulando dívidas trabalhistas, perdendo as sedes para pagar os atletas, então boa parte deles começou a ‘quebrar’”, lembra Moreira.

O desgaste emocional do estádio começou a se tornar físico no fim do milênio, onde as estruturas começaram a se deteriorar no Zerão, que passava por reformas rotineiras, que sempre o mantinham pronto para esperar o público de outrora.

Entusiasta do futebol do Amapá e ex-craque, segundo ele mesmo, o radialista Jota Ney, de 74 anos, acompanhou com tristeza o início do declínio do estádio, que fechou definitivamente em 2005, sendo reaberto mais de oito anos depois. Jota revela que a atmosfera em dia de grandes jogos não deixava a desejar sobre qualquer caldeirão do país, como Maracanã, Mineirão e Pacaembu.

“Era uma festa. Embora não tendo acompanhado o jornalismo esportivo de fato, mas sou um cidadão de Macapá e vi o estádio crescer e se tornar gigante. Sempre foi um encontro de famílias, de apaixonados, que se apertavam nas cadeiras e no alambrado”, conta.

Jornalista e radialista Humberto Moreira, de 67 anos, narrou o jogo de abertura pelo rádio

Foto: Arquivo/Comel

Homenagem a Ayrton Senna

Em 1994, poucos meses após a morte do brasileiro tricampeão mundial de Fórmula 1, um decreto do governo do

Amapá mudou o nome do Zé-rão para Ayrton Senna, como forma de lembrar o corredor. Apesar da grande homenagem,

o batismo não caiu nas graças dos amapaenses que permaneceram chamando o palco do futebol pelo nome inicial.

Novo e definitivo nome

Foto: Milton Correa Jr/Arquivo Pessoal



Desportista Milton de Souza Corrêa (à esquerda), falecido em 1994, passou a denominar o estádio, até os dias atuais

Sem ter “pegado” entre os torcedores, o estádio foi novamente renomeado três meses depois, quando recebeu o nome do desportista Milton de Souza Corrêa, que havia falecido em 18 de agosto de 1994, vítima de acidente de carro. O novo homenageado confunde sua história com a do esporte do Amapá.

“Seu Milton” atuou em várias modalidades, seja na prática ou no comando. Parte da trajetória dele foi lembrada

pelo site GloboEsporte.com em 2014, que destacou entre outros feitos, a fundação por parte de Milton Corrêa, do Guarany Atlético Clube, equipe que na década de 1970 disputou e venceu competições de futsal, futebol, natação e vôlei.

“Meu pai não era ninguém especial. Caboclo de origem trazia, no entanto, o sangue e o orgulho dos bravos índios e os ensinamentos reservados aos príncipes das florestas.

Durante toda sua vida foi um funcionário público, exercendo diversos cargos. Nada o desabona ou desonra, pelo contrário, a retidão com que trabalhava lhe valeram sempre o honroso título de servidor exemplar e, para nosso orgulho, honesto!”. O texto integra o editorial do Jornal Informativo, que circulou no Amapá na década de 1990 e foi uma lembrança assinada por Milton de Souza Corrêa Júnior, um dos oito filhos do homenageado.

Bola rolando e arquibancadas lotadas



Fotos: Arquivo/GEA e Porta Retrato-AP

Do jogador em campo ao pipoqueiro na arquibancada, todos sentiam o clima diferente que ecoava no Zerão nos primeiros anos após a inauguração, entre eles o jornalista Evandro Luiz, de 74 anos, hoje aposentado, mas que trabalhou na imprensa amapaense ao longo de 40 anos. O “dinossauro da comunicação”, como era conhecido, relembra a Macapá da época. “Era fantástico. Apesar de ter futebol no Amapá, mas aquilo era novo, e o novo chama a atenção. Confesso que fui como jornalista poucas vezes, ia mais como torcedor. Sou do bairro do Trem, logo a torcida pelo Ypiranga era maior que a imparcialidade da profissão”, contou, sorridente, Evandro, que diz não ter ido ao estádio após a reinauguração. Além do depoimento dos “experientes”, tiveram aqueles que cresceram junto com a história do Zerão, e que por pouco não nasceram junto com ele. É o caso da jornalista



Estádio foi inaugurado e os torcedores se espremiavam para ver o futebol, no que pode ser considerado o período áureo do esporte no Amapá

Jéssica Alves, de 27 anos, três meses mais nova que o estádio no meio do mundo. Crescendo em meio à fase de declínio do futebol do Amapá ela revela que não conseguiu ter amor por nenhum time local, mas que acompanhou as

transformações do estádio. Fanática pelo Grêmio, o primeiro jogo que viu no estádio foi de outro time da primeira divisão, o Flamengo. O adversário era o Ypiranga, o negro-anil que lembra as cores do tricolor gaúcho.

“Era fantástico. Apesar de ter futebol no Amapá, mas aquilo era novo, e o novo chama a atenção. Confesso que fui como jornalista poucas vezes, ia mais como torcedor”

Hoje aposentado, Evandro Luiz fez carreira na Rede Amazônica, afiliada da TV Globo no Amapá



A partida aconteceu no dia 16 de março de 2005 pela segunda fase da Copa do Brasil. O Flamengo venceu por 2 a 0, gols de Fellype Gabriel e Dimba, e eliminou o jogo de volta no Rio de Janeiro. O duelo contou com um dos maiores públicos já registrados no Zerão, na casa dos oito mil torcedores, entre eles Jéssica, que sentia pela primeira vez a atmosfera do local.

“Fui por causa dos meus amigos que foram, e porque era um time grande. Senti que foi uma partida emocionante. O Ypiranga infelizmente perdeu, mas valeu a pena de ver um clube daqui enfrentar uma das maiores equipes do Brasil, e a que tem a maior torcida”, lembrou.

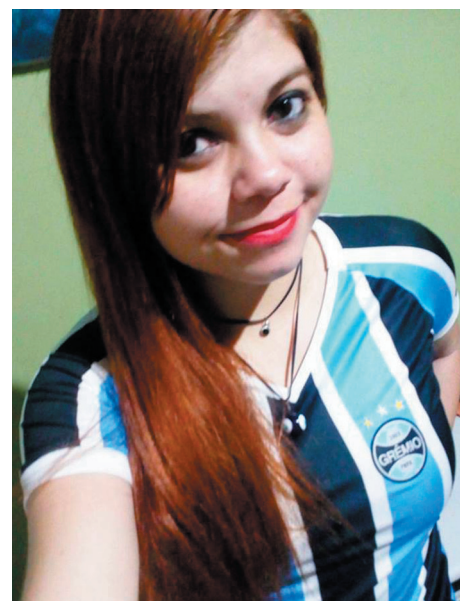
Ao longo dos anos, a adolescência da jornalista se contrastou com o fechamento do estádio, mas ela comemorou a reabertura em 2014 tanto jornalisticamente, quanto como macapaense. Apesar de tudo,

ela ainda acredita que a estrutura pode oferecer um potencial maior de modalidades esportivas além do futebol e do atletismo.

“Apesar de não ser um estádio comparado em tamanho a outros estádios, mas foi palco de partidas importantes. Mesmo que não tenhamos times de ponta, mas temos um local que pode receber jogos de qualquer competição, assim como foi com Copa do Brasil, Copa Verde e Brasileirão Série D”, disse Jéssica, que aposta na valorização do espaço.

Mesmo aqueles que não são tão fãs de futebol reconhecem a grandeza do palco e a influência no cenário esportivo e social do Amapá. O motorista Juvenal Gonçalves, de 47 anos, detalha que passou a juventude acompanhando amigos que eram jogadores nos clubes que disputaram o campeonato estadual e as competições regionais e nacionais.

“Vou guardar as lembranças



A gremista Jéssica Alves foi ao Zerão pela primeira vez para ver o Flamengo

para mostrar para os meus netos, porque o estádio Zerão é um ponto turístico, pois tem esse ‘barato’ de estar dividido pelo hemisfério, onde o jogador pega a bola em um lado do mundo e pode fazer o gol no outro. Vamos torcer para que os clubes não deixem morrer essa história”, comentou Gonçalves.

Miranda, o “rei” do Zerão

Fotos: John Pacheco e Arquivo Pessoal

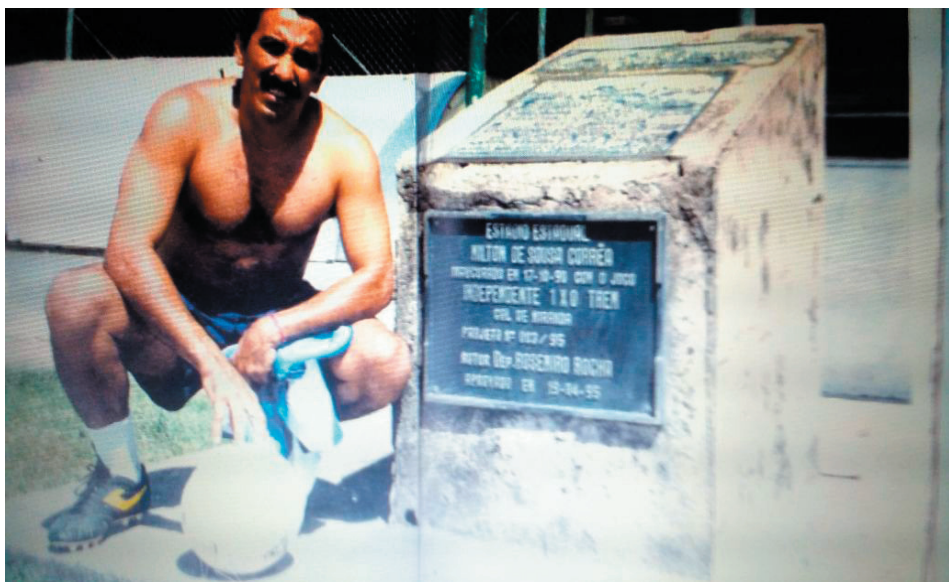


Ex-jogador e oficial da Reserva do Corpo de Bombeiros, Raimundo Miranda deixou o nome na história do estádio Zerão

Se o Zerão era um palco, tinha que ter o seu artista principal, e quase que de forma unânime torcedores, espectadores e imprensa, apontam um nome: Miranda. O ex-comandante do Corpo de Bombeiros do Amapá foi o autor do primeiro gol, o artilheiro e o responsável por atrair grandes públicos e elevar o futebol do estádio nacionalmente.

Hoje com 54 anos, Raimundo Américo Furtado de Miranda tem as lembranças da década de 1990 na cabeça e na casa, onde as paredes são repletas de fotos da época em que defendeu a camisa dos principais clubes do Amapá, como Independente e Ypiranga.

O primeiro gol marcado em uma partida oficial no Zerão ganhou até placa que hoje se-



gue exposta no estádio. O tento, na vitória do Independente sobre o Trem por 1 a 0, foi no mesmo dia da inauguração do palco. A partida foi válida pelo extinto Copão da Amazônia, competição que reunia os principais clubes da Região

Norte nas décadas de 1980 e 1990.

Com a profissionalização do futebol do Amapá em 1992, o primeiro campeonato foi disputado por quatro clubes, o Ypiranga foi o campeão. Na decisão contra o Trem, Miranda

Miranda defendeu a camisa de diversos clubes do Amapá, como Ypiranga, São José e Macapá

Fotos: Américo Miranda/Arquivo Pessoal



marcou um dos gols da vitória por 3 a 0. Gol tão bonito que mereceu menção no programa Fantástico da Rede Globo naquele domingo.

“Foi a primeira vez que o Amapá apareceu na mídia nacional. Tenho esse vídeo até hoje. A partir daí começou o profissionalismo, e eu estava num time bom treinado na época pelo Dadá Maravilha. Foi um campeonato sensacional [1992], que teve os maiores públicos, as maiores rendas, e até hoje ninguém superou isso”, completou o ex-craque.

Raimundo Miranda jogou futebol até 1998, quando foi forçado a se aposentar em função de uma lesão na coxa direita. Durante o período conquistou quatro estaduais e marcou dezenas de gols. Ele se intitula o maior artilheiro do Zerão, mas oficialmente não existe essa contagem desde a inauguração do estádio.

“Os primeiros campeonatos foram os melhores, até a virada do século, 2001, 2002, e a partir daí começou o público

“Foi a primeira vez que o Amapá apareceu na mídia nacional. Tenho esse vídeo até hoje. A partir daí começou o profissionalismo, e eu estava num time bom treinado na época pelo Dadá Maravilha. Foi um campeonato sensacional”

a não prestigiar, o futebol não avançou, nossos clubes não batiam mais de frente com os times do Norte e ficou mais difícil sem apoio”, lamentou o ex-jogador sobre a queda no esporte que consequentemente levou à precariedade do Zerão.



Descaso e portões fechados



Sem atividade, arquibancadas deram lugar ao período mais triste da trajetória do Zeirão. Abaixo, a placa que eternizou o primeiro gol do estádio tomada pelo mato, em 2010

Fotos: Sedel Amapá

No início dos anos 2000, rivalizando com o outro estádio da capital, o Glicério Marques, o Zeirão começou a receber menos jogos, e consequentemente, menos público. As arquibancadas já não eram tão vibrantes, o calor da torcida já não era tão intenso. O palco no meio do mundo parece que não “sobreviveu” a virada do milênio.

Com a redução nas partidas e aparição de problemas estruturais, as pausas para reforma eram cada vez mais recorrentes e longas, reduzindo o hábito do macapaense de ir ao estádio. No fim de 2005, o estádio fechou definitivamente para uma reforma geral, que acabou não acontecendo de imediato, e levou para todo



O principal palco do futebol no Amapá, por muito tempo deu lugar a um cenário de abandono, com uma obra de reforma que parecia que nunca ia chegar



Fotos: Sedel Amapá

o país a falta de carinho com o Zerão.

Os prazos para reinauguração foram vários, mas deixaram de ser cumpridos. Em 2009, o estádio ganhou o título de “cemitério do futebol”, dado pelo médico e jornalista Leonai Garcia, já falecido e autor do livro Bola de Seringa, que conta a trajetória do futebol amador do Amapá.

No mesmo ano, o Esporte Espetacular da Rede Globo exibiu uma reportagem dentro da série “Futebol Esquecido”, que mostrou para o Brasil a realidade da estrutura que um dia viu Zico desfilhar. A matéria foi ao ar em 1º de março de 2009. Na época, o jornalista Régis Rösing mostrou a situação do local, onde o gramado virou um matagal, partes do campo tomadas por poças de lama, além da destruição e deterioração das cabines de imprensa.

Ainda na matéria, o governador da época, e atual, Waldez Góes, apontou o alto custo para reforma do estádio, que



segundo ele chegaria a R\$ 40 milhões. Ele justificou que estava investindo o recurso da pasta de esporte nas federações de outras modalidades e nos clubes de futebol, e que a reconstrução do Zerão dependia de parcerias privadas e do Governo Federal.

“Não interessa. É um local esportivo, não se podia fechar assim do nada. O Brasil tem outros estádios que não podem nem fechar as portas. Imagina se a mesma desculpa valesse para o Maracanã, o Morumbi, o Mineirão? Não se pode simplesmente esque-

cer os problemas, porque com aquele fechamento imagina quantas crianças deixaram de praticar e gostar de um esporte”, lamentou o autônomo Vanderlei Santos, de 39 anos.

Fechado, o Amapá passou a depender de outros dois locais para prática do futebol profissional e de base, o Glécério Marques, em Macapá, e o Augusto Antunes, em Santana. Menores no tamanho, os dois estádios sofriam com a carga excessiva de jogos e permaneceram sem fechar, mesmo com claros problemas de manutenção.

O sonho Olímpico e de Copa do Mundo

A partir de 2011 e com a proximidade dos grandes eventos esportivos a serem realizados no Brasil, a Copa do Mundo e as Olimpíadas em 2016, o Zé-rão recebeu novos recursos do Ministério do Esporte com o objetivo de Macapá se tornar uma das cidades brasileiras credenciadas a receber treinamentos e delegações durante as duas programações.

A partir de então, a obra ganhou um gás e foi acelerada, onde de acordo com a imprensa da época, ficou somente 8% construída entre 2005 e 2011. O ex-secretário de esportes do Amapá, Luiz Pingarilho, relata que a garantia dos recursos para a finalização dependeu de articulações políticas na capital e em Brasília. Somente em 2011, segundo ele, pode se afirmar que o estádio seria continuado e finalizado até a Copa do Mundo.

“As obras estavam paralisadas, e na época tinham umas emendas parlamentares que conseguimos salvar e houve um esforço do governo para recuperar e se fosse retomada a obra, com esse caráter de ser um estádio olímpico”, detalhou o ex-secretário.

Entre os projetos estava a ampliação das arquibancadas, que hoje ocupam apenas um dos lados do gramado, porém a iniciativa de se criar um espaço para disputa de atletismo, incluindo a pista com padrões internacionais pesou na hora de optar pelo ampliação.

“Foi olímpico a partir desse projeto. Se pensou em até em fazer arquibancada em toda extensão do estádio, mas avaliamos que o público amapaense ainda é pequeno e por isso

Fotos: Sedel Amapá



Acima, Funcionários fazem a manutenção do novo gramado durante as obras no estádio. Na foto abaixo, ex-secretário estadual Esportes, Luiz Pingarilho, brinca com a bola no local para registro da imprensa

se tornaria um elefante branco se fazer um estádio para 10 mil pessoas, onde na prática a presença é bem menor, de cinco, seis mil torcedores”, argumentou Pingarilho.

Para a Copa do Mundo de 2014, a capital foi escolhida como cidade que estava apta a receber seleções em treinamento para o mundial. Com a proximidade da Guia-



Foto: Gabriel Penha/GloboEsporte.com

na Francesa, a federação estadual chegou a sonhar que a seleção francesa comandada por Ribery, Benzema e Giroud pudesse pisar em solo amapaense, mas a distância para os grandes centros da competição e a ausência de ligação terrestre dificultou a vinda de qualquer estrangeiro.

Mesmo assim, com muita pompa e sentimento de renovação, quase nove anos depois o palco renasceu, como não dizer, das cinzas, ou pelo menos do mato. Em 15 de fevereiro de 2014 o Zerão foi reinaugurado de cara nova, mas com a antiga arquitetura quase toda preservada. As arquibancadas de madeira deram lugar a cadeiras padrão FIFA que a partir das cores formam a bandeira do Amapá.

O novo espaço contava com melhores recursos de locomoção e acessibilidade. Cabines de imprensa e vestiários ampliados passaram a dar melhor conforto para os artistas de

“Foi olímpico a partir desse projeto. Se pensou em até em fazer arquibancada em toda extensão do estádio, mas avaliamos que o público amapaense ainda é pequeno e por isso se tornaria um elefante branco”

cada espetáculo. Dentro do estádio também foi aberto de forma permanente o Museu do Futebol do Amapá, onde através de fotografias a história do esporte no estado é contada.

Assim como a primeira inauguração, o jogo inicial recebeu seleções máster. Desta vez o Amapá recebeu a equipe de veteranos do Rio de Janeiro, comandada pelo ex-craque Cláudio Adão. Na partida, disputada em tempo reduzido, os

Jogo entre atletas máster do Amapá e do Rio de Janeiro animou reabertura do estádio, no dia 15 de fevereiro de 2014, quando aconteceu a tão aguardada reinauguração do estádio Zerão, no Amapá

donos da casa venceram por 2 x 1. No confronto principal da abertura a Seleção Brasileira Sub-20 derrotou a Seleção do Amapá por 5 x 1 sob forte chuva em Macapá.

O primeiro confronto no Zerão em partidas oficiais aconteceu quatro dias depois, pela Copa Verde. O duelo de volta da primeira fase da competição entre Santos-AP e Princesa do Solimões-AM terminou 2 x 2. Com o empate, o clube amazonense avançou para as oitavas de final do torneio em função de ter vencido a partida de ida por 1 a 0 na cidade de Manacapuru.

Pista de atletismo e retorno de Zico



Estrutura de pistas e competições de atletismo coloca Macapá no cenário nacional dos grandes eventos

Fotos: Jonhwene Silva/GloboEsporte.com

Reaberto com proposta olímpica, a pista de atletismo do estádio foi inaugurada apenas em junho de 2015, um ano e quatro meses depois, frustrando inicialmente o sonho de atletas de modalidades como corrida, salto em distância, arremesso de peso, de disco, além dos competidores com necessidades especiais.

Entre os motivos que levaram à demora na abertura do espaço para corrida estava o alto custo do material usado na pista, que segundo lembra o ex-secretário de esportes Luiz Pingarilho, foi comprado na Europa. Após aquisição, tramites burocráticos emperraram durante meses a vinda dos itens para o Amapá.

“Mantivemos a estrutura, trabalhamos na pista e ela foi uma novela, porque o material teria que vir de fora do país, tanto que ele chegou depois que eu deixei a secretaria. Isso que atrasou a obra”, disse Luiz



Pingarilho.

Entre os esportistas que esperaram pela pista, estava a paratleta Lenna Gomes, de 25 anos. Praticante do arremesso de dardo, ela destaca a relevância do palco para os competidores de outras modali-

dades, mas lamenta a demora na abertura das instalações, o que acabou privando o sonho de alguns amapaenses de disputarem as Paralímpiadas no Rio em 2016.

“Antes de treinar no estádio eu e o Marlon [treinador] fazí-

“Lenna Gomes aponta dificuldades, mas prevê mudança de patamar no paratletismo amapaense



Fotos: Arquivo Pessoal



amos uso do espaço da Praça Nossa Senhora da Conceição, no bairro do Trem, embora não fosse um local adequado para treino, principalmente o lançamento de dardo a qual eu treinava”, lembrou Lenna.

Mesmo com o espaço destinado para as modalidades do atletismo, a esportista aponta que até hoje as áreas dentro da estrutura não atendem a todas as exigências, e que alguns pontos precisam ser adaptados, principalmente para os atletas com deficiência. Mesmo assim, ela lembra a realidade do que ela e muitos amapaenses passaram para se qualificar a fim de disputar competições em alto nível.

“Na praça, a gente demarca-

va a área com fita zebraada, para que as pessoas não pudessem passar até mesmo pelo perigo que apresentava, então além de não treinar em um local adequado a gente se preocupava com a vida das pessoas, que por sua vez estavam ali fazendo sua caminhada no final ou pessoas curiosas”, contou a praticante de arremesso de dardo, que apesar do nome, tem estrutura esférica e pode pesar até 800 gramas.

A novela da abertura da pista terminou em 20 de junho de 2015, num sábado nublado e chuvoso na capital. Novamente convidado, Zico compareceu a fez um jogo festivo para comemorar a inauguração do espaço. A programação con-

“Na praça, a gente demarcava a área com fita zebraada, para que as pessoas não pudessem passar até mesmo pelo perigo que apresentava, então além de não treinar em um local adequado a gente se preocupava com a vida das pessoas”

tou ainda com uma corrida de sete quilômetros que iniciou na orla de Macapá e terminou nas raias do Zerão.

Dentro de campo, o galinho integrou uma seleção formada por ex-craques como Athirson, ex-Flamengo, e Odvan, ex-Vasco. Diante de arquibancadas tomadas de torcedores de todas as cidades, o placar final de 6 a 2 para os amigos de Zico contra a seleção amapaense máster foi o que menos importou, diante da satisfação de público e atletas no local.

No meio daqueles torcedores, estava o corredor Thaison Viana, de 22 anos, que hoje é atleta de corrida e treina rotineiramente na pista do Zerão. Especialista nos cinco mil metros, ele conquistou a primeira medalha de outro no estádio em 2016, quando disputou a etapa adulta do Campeonato Amapaense de Atletismo.

“Para a gente que treina em alto nível foi muito bom. Hoje temos atletas no ranking nacional, que antes não tinha. Hoje temos capacidade de receber competições nacionais e internacionais nessa pista, porque ela está qualificada”, diz Viana.

Os objetivos do jovem atleta são muito maiores do que os já conquistados, como medalhas de ouro, prata e bronze nas edições juvenis estaduais e regionais de atletismo. Em 2016, Thaison Viana conseguiu um dos melhores resultados da carreira ao vencer os 5 mil metros pelo Estadual Sub-23 de atletismo. Além do título, ele ficou entre os dez mais rápidos do país na prova no ano.

“Além dos atletas que estão treinando hoje, são inúmeros projetos abertos para crianças carentes na iniciação esportiva. Hoje, eles têm uma oportu-



**Jovem promessa,
Thaison Viana conta
que a pista melhorou
o seu desempenho
nas corridas**

nidade que eu não tive de treinar em uma pista oficial, não correm no asfalto ou na terra,

ficando com o risco de uma lesão ou de se machucar”, comentou o corredor.

O que vi, vivi e o que virá



Zerão é o único estádio do Amapá que recebe atualmente todas as competições nacionais de futebol

Convivência com o esporte

Centralizado como palco dos grandes espetáculos esportivos na capital, o Zerão pode-se dizer, vive um momento de alta, mesmo que isso não se reflita em cadeiras lotadas. O estádio entrou de vez no cenário esportivo do país, principalmente da Região Norte, onde recebe as partidas dos campeonatos nacionais disputados pelos times locais.

E não somente isso, desde a reinauguração em 2014, este acadêmico de jornalismo que vos escreve, frequentou inúmeras vezes o Zerão, e não só para acompanhar o futebol e as provas de atletismo. Em 2016, a estrutura recebeu um dos mais importantes eventos de sua história de quase três décadas: o revezamento da tocha olímpica.

O complexo interno e do entorno do estádio foi responsável por comportar o encerramento da cerimônia, que durante todo o dia 16 de junho de 2006, percorreu as ruas de Macapá. Coube ao atleta de taekwondo Venilton Teixeira, que disputou as

Olímpiadas, correr com a tocha pela pista de atletismo dentro do Zerão.

O objetivo para os próximos anos é manter o padrão de qualidade no palco, que poderá se expandir, tanto em estrutura, quanto em capacidade de se tornar um corredor esportivo, visando qualificação e nivelamento dos atletas locais.

E o futebol? A expectativa é que os clubes locais se tornem mais competitivos a partir da sintonia entre times e federação com a intenção de organizar um calendário regular visando a captação de recursos e oferecer melhores condições para o público apreciar as partidas.

Num local em constante mudança e com grande esperança para os próximos anos, espero continuar inserido nesse universo esportivo onde já atuo desde 2011, como estagiário dos jornais Extra Amapá, Tribuna Amapaense e atualmente nos sites GloboEsporte.com e G1 Amapá.

A ideia de trazer o tema em grande reportagem não é apenas trazer uma linha do tempo sobre um palco esportivo, mas



como ele influenciou e ainda influencia a vida de cada amapaense, seja o esportista, o não esportista e o cidadão comum.

Passar quase todos os dias pela frente do Zerão me desperta um sentimento de querer sempre mais ver o universo esportivo se concentrar naquelas quatro linhas. É o desejo de poder noticiar cada vez mais a transformação que o esporte pode fazer na vida das pessoas, principalmente daquelas que encontram na prática uma chance de mudar sua vida e de toda uma comunidade.

São 27 anos de história de um palco que foi criado, descontinuado e revigorado com o único objetivo de atrair novas gerações para o esporte, que vão ver a bola rolar, os corredores cruzarem a linha de chegada, entre outras vitórias esportivas. Vida longa ao gigante do meio do mundo!